

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA

EDUCAÇÃO MULTIRIO

Televisão e cultura brasileira

Entrevista:
**Criatividade em
*blogs e chats***

ISSN 1676-5141



9 771676 514092 00023



Jogos Pan-americanos
Uma conquista da **PREFEITURA**.
Uma vitória do **RIO**.



NÓS DA ESCOLA

ano 2 n° 23 2004

editorial

Um baú de lembranças infantis 4

cartas

Acervo e Esporte 5

ponto e contraponto

O universo da escrita "teclada" 6

atualidade

90 anos de Abdias do Nascimento 9

Tirando a droga de cena 11

pé na estrada

A experiência de alunos em projetos de animação 14

zoom

Nossas lendas favoritas 16

capa

Regionalizar para universalizar: mitos e lendas 18

artigo

O conhecimento invisível produzido na escola 22

carioca

O ônibus da Liberdade 25

caleidoscópio

O Boto 28

olho mágico

Creches reformadas em 2005 30

Descompasso com a violência 31

rede fala

Rompendo as fronteiras entre as disciplinas 32

agenda

Oficinas e exposições 33

tudoteca

Dicas de livros, vídeos e filmes 34

cartaz

Dia da Criança na Mídia

giramundo

Voluntariado



DESENHO DA ALUNA MICHELE TEIXEIRA ANTUNES FERNANDES, E.M. MARIA ISABEL BIVAR, TURMA 401



Empresa Municipal de Multimeios Ltda.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ
CEP 22260-210 - www.multirio.rj.gov.br - ouvidoriamultirio@perj.rj.gov.br
Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212

Maria Inês Delorme Diretora de publicações e jornalista responsável (MTb. 22.628)
• Élda Vaz Assessora de comunicação e ouvidora • Antonio Castro Assessor artístico •
Guaira Miranda Gerente de multimídia

Equipe de produção: Cristina Campos e Joanna Miranda Conteúdo • Leonardo Simmer Amorim e Marcelo Rocha Reportagem • Martha Neiva Moreira Edição • Alberto Jacob Filho Fotografia • Marcus Martins Ilustração • Guaira Miranda e Luciana Gobbo Projeto gráfico e diagramação • Nancy A. Soares Revisão • Elias Moraes Produção gráfica • Arte da capa a partir de fotos de Alberto Jacob Filho e Antonio Castro

Esdeva Indústria Gráfica S/A Impressão CTP • Tiragem 36.500 exemplares

Pé de pato, mangalô três vezes

Vamos revirar nosso baú de lembranças infantis e resgatar personagens encantadores e assustadores. Músicas, brincadeiras, sustos, quantas coisas surgirão. Mas qual o lugar deste repertório na mídia? Temos que contar só com a nossa memória? De que forma a cultura brasileira e a latina de mitos e lendas devem ser representadas na TV e na mídia em geral? Nesta edição convidamos todos a refletir e a transformar - sempre acreditamos na transformação - essa realidade, assim como já vêm fazendo algumas escolas da rede quando, por exemplo, participam do projeto Juro que Vi. Na seção Pé na Estrada contamos como foi a participação das crianças e professores na produção do filme O Boto.

E por falar em participação, como os professores estão interagindo com os *blogs* e os *chats* que inundam a sociedade midiática? A pesquisadora Maria Thereza Freitas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, em entrevista, analisa como está sendo a participação dos docentes nesse universo virtual.

O cartaz desta edição anuncia o Dia da Criança na Mídia, data importantíssima para fomentar a participação do público infantil nas produções e discussões sobre produtos midiáticos a ela destinados.

Contando com a esperteza do saci-pererê e fugindo dos assombros da mula-sem-cabeça produzimos mais esta edição visando colaborar com o trabalho escolar e avançar com os estudos valiosos que já vêm sendo desenvolvidos na rede pública municipal.



Cristina Campos
Núcleo de Publicações da MULTIRIO



Acervo

Acusando o recebimento das revistas “Nós da Escola” que têm chegado, com frequência, a este Conselho, vimos agradecer a rica contribuição que elas representam para a nossa Biblioteca, constantemente visitada por educadores.

Roberto Guimarães Boclin
Presidente do Conselho Estadual de Educação

N. da R. - Ficamos satisfeitos em saber que nossa publicação faz parte do acervo da biblioteca deste Conselho.

Errata 1

Na edição anterior, Nós da Escola 22, deixamos de publicar o nome da escola em que a professora Giane Moreira dos Santos, autora do artigo Educação Física e Mídia, publicado na seção Rede Fala, leciona. A instituição é a Escola Municipal Júlio Verne, na Taquara.

Errata 2

O desenho que ilustra o sumário da revista Nós da Escola 22 é de Renata Carolina Frota Neves, da turma 705, da Escola Municipal Itália, em Rocha Miranda.

Esporte

Gostei muito da última edição da revista Nós da Escola (nº 22 - ‘Muito além da prática esportiva’), por seu conteúdo rico e elucidativo, valorizando o papel da Educação Física como fundamental na formação do indivíduo e destacando a prática esportiva como importante instrumento educacional. Além das regras e técnicas do esporte, é essencial trabalhar os valores que vão formar o caráter dos nossos futuros cidadãos.

Eloisa R. Ferreira
Professora de Educação Física da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro



Escreva para o Núcleo de Publicações da MULTIRIO:

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - Cep 22260 210 - Rio de Janeiro ou mande um e-mail para dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br

Visite nosso site www.multirio.rj.gov.br

O universo criativo da escrita “teclada”

A educadora Maria Thereza Freitas tem se dedicado a estudar a cultura da informática, especialmente como professores de ensinos Fundamental e Médio se posicionam diante das possibilidades que o computador e a internet oferecem no campo do letramento e da aprendizagem. Ao fazer uma reflexão sobre a leitura e a escrita de adolescentes em *sites*, *blogs*, *e-mails*, listas de discussões, a professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora e coordenadora do grupo de pesquisa Letramento, Interação e Conhecimento constatou que ao divagarem sobre temas variados na internet **os jovens estão se voltando cada vez mais à expressão literária**. Os professores, no entanto, até por desconhecimento das possibilidades que o meio eletrônico oferece, encaram com um certo preconceito a forma peculiar da escrita “teclada”. Forma esta que, na opinião de Maria Thereza, é extremamente criativa. Seria importante, para ela, que os professores fizessem uma imersão no mundo virtual para “compreenderem melhor as práticas de leitura e escrita de seus alunos na internet e poder, assim, valorizá-las e integrá-las com o trabalho em sala de aula”.

De que maneira os jovens estão explorando o espaço virtual dos *blogs*?

Os *blogs* surgiram como um diário virtual e assim têm se constituído, mas aos poucos foram também assumindo outras características. Na atualidade as telas dos computadores são os lugares nos quais as pessoas projetam seus próprios dramas, dramas dos quais são os produtores, os diretores e os atores. As telas do computador são um novo lugar onde as pessoas expõem a sua privacidade para atrair a atenção de outros internautas. Isto é visível nas páginas do *Blog*, diários *on-line* nos quais as pessoas falam de tudo, principalmente de si mesmas, descrevendo suas rotinas, seus sonhos, esperanças, romances, angústias, frustra-

ções, gostos e opiniões sobre o mundo. Nesse diário *on-line* as pessoas escrevem sobre si mesmas se expondo para que leitores penetrem em sua intimidade mostrada. Os jovens nesses diários *on-line* se projetam na tela e expõem sua privacidade para atrair a atenção de outros internautas ou buscar sua identidade numa interação com a própria língua, ou procurar a compreensão de si mesmos pelo exercício da escrita na qual se revelam. Revelação essa facilitada pela proteção da tela, pela liberdade de se expressarem para interlocutores virtuais, para alguém sem rosto.

Essa forma de escrita pode também estar sendo usada como um espaço

literário autobiográfico ou mesmo como uma narrativa ficcional...

Divagando sobre temas variados encontra-se nos *blogs* pequenos contos, crônicas e até poesias. Na internet os jovens se envolvem em um jogo de simulação, imaginação e exposição que pode estar levando a uma proximidade com a literatura. Os jovens estão se voltando cada vez mais para o uso da linguagem escrita nas comunicações propiciadas pelo meio eletrônico. Com isto estão também se aproximando da leitura. Foi o que pude constatar por meio de uma pesquisa que coordenei, procurando compreender a leitura/escrita de adolescentes em *chats*, *e-mails* de listas de discussão e sites por eles construídos. Com a internet os jovens estão voltando à expressão literária, rudimentar embora, mas sujeita ao aprimoramento natural determinado pela própria necessidade de se exprimir.

Em que medida o comportamento dos jovens “blogueiros” se difere dos de outros jovens?

Penso que não se pode afirmar que os jovens blogueiros tenham um comportamento diferente de outros jovens. São jovens que se interessam por uma prática de escrita na qual encontram prazer e se encontram. Apesar de estarem falando de si mesmos estão em busca de um outro, de um interlocutor. Muitas vezes o autor de um *blog* pode estar escrevendo buscando reunir pessoas, formando um grupo ligado por interesses comuns (uma banda musical, um grupo que se reúne em algum canal de bate-papo da internet, um seriado televisivo etc). Assim, essa leitura/escrita, que propicia uma interação com o outro, contribui para a construção de conhecimentos e para a própria constituição da subjetividade. Entretanto, é preciso compreender a especificidade dessas interações sociais possibilitadas pela internet. Não se trata de interações face a face, mas de um encontro virtual com o outro mediado pela leitura/escrita. A internet possibilita, pois, novos espaços de sociabilidade, inaugurando novas

práticas de estar com o outro. Enquanto as interações sociais na realidade física se realizam de forma presencial, face a face, no mundo virtual elas são de natureza simbólica. Compreendo, assim, que os *blogs* podem estar propiciando aos jovens contemporâneos um espaço interativo que contribui para a constituição de sua subjetividade.

Os professores, embora estejam familiarizados com os *blogs*, têm a idéia de como explorá-lo?

Penso que de uma maneira geral os professores desconhecem os usos que seus alunos fazem da internet. Ignoram as práticas de leitura/escrita que a internet lhes possibilita e como eles a estão aproveitando. Existe até um certo preconceito em relação à internet por considerarem que nela se encontra de tudo e que os alunos não conseguem diferenciar o que presta e o que não presta. O preconceito se revela também na não aceitação da escrita telegráfica, abreviada, possibilitada pelas salas de bate-papo. Para um melhor conhecimento do uso da internet pelos seus alunos seria interessante que os professores realizassem em suas classes uma enquete sobre o assunto. De posse dos resultados passassem a visitar os sites por eles indicados, navegassem por entre os *blogs* que constroem, pelas listas de discussão mais frequentadas, pelos *chats* por onde transitam. Essa imersão no virtual daria aos



professores a oportunidade de compreenderem melhor as práticas de leitura/escrita de seus alunos na internet podendo valorizá-las e descobrindo formas de integrá-las com o trabalho em sala de aula.

Que usos interessantes o professor pode fazer dos *chats* com sua turma?

Tenho muito receio de uma escolarização ou pedagogização de uma prática sociocultural de leitura/escrita. O valor do *chat* está no seu uso prazeroso, na significação que lhe é atribuída por seus usuários: um bate-papo, um ponto de encontro entre amigos virtuais possibilitado pela escrita. Os interlocutores querem se comunicar, conversar. Essa interatividade é estabelecida mediada pelo computador, em tempo real e num espaço virtual. Para “conversar” neste espaço, os interlocutores se vêem compelidos a escrever. Uma escrita na qual não há uma preocupação com a correção, mas sim com a comunicação com o outro. Uma escrita teclada, em tempo real, abreviada, com características próprias. Pela especificidade do instrumento mediador da contemporaneidade – o computador – os enunciados produzidos revestem-se de recursos propiciados por este instrumento e pela situação de produção. Os papeadores investem toda sua criatividade para conferir a seus interlocutores, nessa conversação escrita, o acesso ao sentido de forma mais global, favorecendo a condição ideal para uma interação social efetiva, tal como ocorre na relação face a face. Essa criatividade se manifesta na criação de códigos discursivos complexos, pois usam, ao mesmo tempo, o alfabeto tradicional, as caracteretas, os *scripts* e outros, que marcam a natureza processual e dinâmico-discursiva dessa “conversação”, aproximando-a da conversação face a face cotidiana, mas materializada na escrita “teclada”.

Essa conversa escrita “teclada”, muitas vezes não é bem compreendida...

Ela é produzida de forma a tornar o discurso

atraente, interessante e dinâmico para os interlocutores. A preocupação principal é manter o contato. Pela natureza da relação e pelas condições de produção, os interlocutores abrem mão de uma escrita rebuscada e formal, como a de um texto científico. É justamente por conhecerem esta escrita formal que eles a consideram inadequada para dar conta de veicular os sentidos específicos da interação que pretendem. A conversa escrita “teclada”, que se trava nas salas de bate-papo, reveste-se de características lingüístico-discursivo-processuais específicas, produzindo um novo estilo da língua que indica um novo gênero discursivo: a conversação nas salas de bate-papo. Por tudo o que foi dito não penso que o *chat* possa ser um recurso pedagógico. Ao transformá-lo nisso pode-se correr o risco de tirar dele o seu aspecto natural de prazer, de entretenimento. Talvez, o possível seja o aproveitamento do *chat* apenas como um meio de criar uma maior interlocução entre os colegas.

Que cuidados os professores devem ter na hora de incentivar atividades com *blogs* e *chats*?

É necessário que o professor compreenda bem o que é um *blog* e seus objetivos, o que é um *chat* com a finalidade de uma conversa teclada marcada por sua escrita específica. Receio que uma forma de entretenimento seja usada com objetivos pedagógicos específicos. O *chat* por exemplo, pode ser usado para um relacionamento entre os colegas da própria turma ou até entre alunos de colégios diferentes mas sem a preocupação específica de aprendizagem de conteúdos. Que ele seja usado dentro de sua finalidade: contato virtual entre os participantes. Quanto ao *blog*, tendo-se o cuidado de não torná-lo um objeto escolar, mantendo-se nele a espontaneidade, a liberdade de expressão, o gosto por escrever sobre si mesmo e ser lido por outros interlocutores, poderia ser uma excelente forma de desenvolver uma escrita pessoal e criativa. ■

Saiba mais

O conteúdo desta entrevista está relacionado aos resultados obtidos com a pesquisa

“A construção/produção da leitura/escrita na internet e na escola: uma abordagem sociocultural”

Memória viva da luta contra o racismo

Eventos pela cidade comemoram a história e a produção de Abdias do Nascimento

No início do século passado, em São Paulo, ele ajudou a fundar um dos mais importantes movimentos negros do Brasil. Em 1931, criou uma das primeiras companhias de teatro formada por descendentes afro. Tempos depois já atuava como deputado federal e senador da República. Carrega em seu currículo o título de professor emérito da Universidade de Nova York. Dramaturgo, pintor, escritor, pensador, ator. Mas, acima de tudo, militante ferrenho contra o racismo e a discriminação em nosso país. Hoje, aos 90 anos, Abdias do Nascimento é um herói vivo e está sendo celebrado com uma extensa programação comemorativa na sede do Arquivo Nacional.

O evento é uma iniciativa do Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros (Ipeafro), em parceria com a PUC-Rio, e estará aberto ao público, com entrada franca, até 30 de janeiro de 2005. Engloba a exposição "Memória Viva" - com o acervo pictórico do ativista, bem como documentos e fotos de sua vida -, a mostra de filmes "A Imagem do Negro no Cinema Brasileiro", o colóquio internacional "Ancestralidade Africana e Cidadania no Brasil", e ainda shows, saraus e debates. A curadoria do evento está a cargo de Elisa Larkin Nascimento e de Afonso Drummond.

Luta - A história de Abdias do Nascimento teve início em Franca, no interior paulista, em 14 de março de 1914. Filho de uma doceira e um sapaiteiro, desde cedo já lutava por seus objetivos e ideais. Voltava da escola indignado pela forma injusta como era tratado por colegas e professores. Mas aprendeu com sua mãe a não deixar nenhuma ofensa racial sem resposta. Adolescente, foi para São Paulo e logo engajou-se em movimentos afros, sendo um dos fundadores, aos 17

ABDIAS DO NASCIMENTO COM O EX-PRESIDENTE DA ÁFRICA DO SUL, NELSON MANDELA



Saiba mais**Abdias do Nascimento, 90 anos: Memória Viva**

No Arquivo Nacional -
Praça da República, 173 -
Centro - Rio de Janeiro.
De 16 de novembro de
2004 a 30 de janeiro de
2005. Escolas e grupos
devem agendar visitaçã
pelos telefones 3806-6173
e 3806-7103.



anos, do mais histórico deles, a Frente Negra Brasileira. Paralelamente, criou o Teatro Experimental do Negro (TEN), preocupado com a exclusão nos palcos brasileiros – numa viagem com amigos poetas, ficou chocado ao ver um ator branco pintado de preto, interpretando um personagem negro.

Sabendo que a questão racial tinha várias facetas e nuances, Nascimento abriu outras frentes de atuação, muito embora nunca tenha enxergado cada um desses movimentos de maneira seccionada. Escreveu livros - entre eles “Sortilégio”, “Dramas para negros e prólogo para brancos” e “O negro revoltado” -, atuou em peças de teatro e filmes e esboçou elementos das lendas brasileiras em desenhos e pinturas, sempre fomentando a discussão em torno do racismo e do preconceito, na grande maioria das vezes demonstrado de forma velada em nossa sociedade.

Como representante brasileiro em encontros internacionais, Nascimento levou sua palavra aos quatro cantos do planeta – Panamá, Gana, Jamaica, Estados Unidos, Nigéria. E esteve ao lado de líderes mundiais, como o secretário-geral da ONU, Kofi Annan, e o ex-presidente da África do Sul, Nelson Mandela.

Política – Na seara da política nacional Abdias do Nascimento tornou-se figura seminal, em razão de sua defesa dos direitos civis, econômicos, políticos e humanos dos negros brasileiros. Co-fundador do Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi perseguido pela ditadura militar até deixar o país, em exílio voluntário. De volta ao Brasil, elegeu-se deputado federal, em 1983, e senador da República, em 1997, sempre mantendo o espírito de continuidade da obra destemida de Zumbi, mártir de Quilombo dos Palmares e grande herói de Nascimento. De posse desta crença, foi o autor do decreto que instituiu o “Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial”. Foi ainda o primeiro secretário de Direitos Humanos e Cidadania do Governo do Estado do Rio de Janeiro, em 1999.

Seja quebrando barreiras ou levantando discussões, Abdias do Nascimento construiu uma história como poucos em nosso país. Hoje, mesmo debilitado pela idade avançada, marca suas posições em torno do preconceito: “Todos os meus dias serão dedicados à essa luta”, afirma o protagonista, escolhido recentemente pelo jornal O Globo um dos 100 negros mais importantes do Brasil. ■

Prêmio Comedine

Abdias do Nascimento foi um dos temas do Prêmio Comedine de Pesquisa Escolar 2004, concedido anualmente pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro. A premiação é voltada aos alunos das escolas públicas da cidade do Rio de Janeiro, que se expressam por meio de desenhos, colagens, textos, trabalhos em linguagem multimídia e histórias em quadrinhos. “Ao longo do processo de pesquisa sobre Abdias do Nascimento, os alunos envolvidos ficaram encantados com a personalidade do ex-senador. E também com a idéia de que

existem heróis negros, não citados na história oficial de nosso país, que não estão distantes temporal e espacialmente. Heróis ainda vivos que os alunos desconhecem”, conta a professora Claudia Gomes Abreu do Couto, da Escola Municipal Rugendas (Madureira), coordenadora de um dos trabalhos vencedores. Mais de 100 grupos de alunos participaram da competição, criada em 1994 em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME). A festa de premiação ocorreu em 24 de setembro, no Teatro Carlos Gomes.

A prevenção entra em cena



Após quatro anos de concurso, textos do *Tirando a droga de cena* já tratam de **alternativas para uma vida saudável**

Desde que foi criado, em 2001, o concurso *Tirando a droga de cena* (ver boxe), tem sido um estímulo e tanto para professores e alunos da rede municipal de ensino do Rio refletirem e debaterem sobre prevenção ao uso de drogas. Nas escolas, nos clubes escolares, núcleos de arte, núcleos de adolescentes, nos pólos de educação pelo trabalho a iniciativa da Secretaria Especial de Prevenção à Dependência Química (SEPDQ), em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME), tem inspirado a realização de uma série de atividades que, em muitos casos, resultam nos roteiros que são enviados à comissão julgadora do concurso.

Na edição deste ano, muitos dos 59 trabalhos (número recorde desde 2001) que chegaram às mãos do júri surpreenderam. Especialmente pela abordagem do tema. Ao contrário do que costumava acontecer nos primeiros anos do evento, em que as histórias tratavam da dependência química propriamente dita, uma boa parte dos textos enfoca, agora, questões relativas à prevenção. "Já aparecem histórias tratando de esperança, de ações por uma vida mais saudável. Isso é um ganho qualitativo enorme porque a droga, agora, está presente no sentido da reflexão e não apenas como substância química", observa Glória Macedo da SEPDQ. Outra evolução, na opinião de

Serviço

Para saber mais sobre o concurso *Tirando a droga de cena* informe-se na Coordenação Regional de Educação mais próxima de sua escola.

Premiação em duas categorias

O concurso *Tirando a droga de cena* foi criado há quatro anos e com o objetivo de levar crianças e adolescentes a discutirem, no espaço escolar, as conseqüências do uso de drogas e as formas de prevenção por meio da criação de um roteiro para teatro. As peças devem ter, no máximo, 20 minutos de encenação e devem ser escritas pelos alunos, em duplas, sob orientação de um professor da unidade escolar. Cada escola pode participar com até dois textos, a serem encaminhados às Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Dos textos selecionados pelas CREs, a Comissão Julgadora, formada por 14

integrantes - membros e representantes das Secretarias Municipais de Educação, Cultura, Assistência Social e de Projetos Especiais, do Sindicato Nacional dos Tradutores e da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - escolhe 10 vencedores. Cinco na categoria A (do ciclo à 4ª série) e cinco na categoria B (da 5ª à 8ª séries). Os 20 alunos autores dos textos vencedores são premiados junto com os respectivos professores orientadores e escolas com equipamentos eletroeletrônicos como filmadora, computador, aparelho de som. Os demais recebem certificados de participação.

Categoria A

	ESCOLA	ALUNO	SÉRIE	PROFESSOR	TEXTO
1	CIEP Procópio Ferreira	Lanna Beatriz de Araújo Fonseca, Monique Batista Ferreira da Rocha	3ª 3ª	Claudia de Jesus Pereira Nunes	Dê uma chance à vida! Viva sem drogas! Diga não às drogas!
2	E. M. Honduras	Thayse Teixeira de Oliveira, Constanza Veloso Ribeiro Klesck	4ª 3ª	Shirley Christina Santos Brito	Que papo é esse? A prevenção começa em casa
3	E. M. Professora Dione Freitas Felisberto de Carvalho	Ingrid Elias Targino dos Santos, Leonardo Cruz Fernandes	3ª 3ª	Maria do Perpétuo Socorro Rolim, Silvia Santos	A mão amiga
4	E. M. Honduras	Aryádna Kaline dos Santos Silva Costa, Renã de Souza Queiroz	4ª 4ª	Lucia Cristina Teixeira Costa	Com a "cabeça feita": rumo à prevenção
5	E. M. Pugilista Virgulino Isaias Oliveira	Lucas Pereira França, Dandara Luiza Ferreira Marques	4ª 4ª	Maria Gonçalves da Silva	Uma amizade salvadora

Categoria B

	ESCOLA	ALUNO	SÉRIE	PROFESSOR	TEXTO
1	E. M. Cardeal Leme	Leonardo Oliveira, Safira Carvalho dos Santos	6ª 6ª	Ana Paula Rocha, Augusto Lopes	Quem inventou essa droga?
2	E. M. Tasso da Silveira	Jéssica de Oliveira Calado Leonardo, Douglas Costa Barbosa	8ª 8ª	Carlos Alberto da Silva Pimentel	Caminhos paralelos
3	E. M. França	Dayene Lopes Duarte, Dayane Lopes Duarte	7ª 7ª	Alyne Rolin de Araujo Britto	Vida em linha reta
4	E. M. Fernando de Azevedo	Rafael Francisco do Carmo, Fabricio da Conceição Machado	8ª 8ª	Fernando Giust	De volta ao começo
5	E. M. Professor Lourenço Filho	João Augusto Santos Batista, Claudio Augusto de Macedo Sabará	6ª 6ª	Lucy Felix Garrana Freijanes	Dando corda pra vida

Márcia Cristina Monteiro da Silva, da SME e membro da comissão julgadora, é o amplo entendimento que álcool e tabaco, embora lícitas, são drogas que fazem tão mal quanto as outras. “Essa é uma questão cada vez mais presente nos roteiros”. E que já preocupa jovens e crianças.

Alunos de ciclo que participaram do concurso trataram do assunto em seus textos. No último Fecem, a música vencedora tinha os males do tabaco como tema. Na Escola Municipal Fernando de Azevedo está sendo produzido um vídeo sobre alcoolismo. Como nessa, em outras tantas escolas da rede as questões que envolvem a dependência química vêm cada vez mais se integrando ao projeto político-pedagógico e sendo alvo de debates. O que é, na verdade, o objetivo final do conjunto de iniciativas que a parceria entre SME e SEPDC vem promovendo desde 2001. “Nosso interesse é na formação de um aluno crítico, antenado com seu tempo e com autonomia para fazer escolhas saudáveis. Para isso incentivamos o uso de vá-



rios recursos: como materiais didáticos diversos, jogos, brincadeiras, as diferentes mídias etc. Até porque a dependência química é uma doença multifatorial e a prevenção deve ser multi também”, informa Glória.

O Curso de Capacitação e Atualização Educação é Vida é outra forma de despertar o interesse sobre o assunto. Voltado para os professores, ele foi criado a partir de temas transversais como “Saúde, meio ambiente” e “Ética e pluralidade cultural” e tem como finalidade incentivar a prática de um trabalho interdisciplinar que facilite a reflexão sobre drogas no cotidiano escolar. Já foram capacitados 950 profissionais de 500 escolas da rede. ■



Saiba mais

Abead – Associação Brasileira de Estudos do Alcool e Outras Doenças
www.abead.com.br

Tabaco Não
www.tabaconao.com.br

Secretaria Nacional Antidrogas – Senad
www.senad.gov.br
Pauta Antidrogas
www.pautaantidrogas.com.br

Brincando (e aprendendo) com lendas e mitos

Alunos da E. M. George Sumner participam de mais uma **experiência com curta-metragem em animação**, realizado em conjunto com profissionais da MULTIRIO

Mitos, lendas, criatividade, ouvir e contar histórias. Um pouco de tudo isso fez novamente parte do universo de um grupo de alunos da Escola Municipal George Sumner (ver boxe), no Riachuelo. Foi a segunda experiência deles – e a última no projeto da professora de Sala de Leitura, Terezinha Amorim, falecida este ano – com a MULTIRIO na criação e produção de um desenho animado. O primeiro trabalho foi *O Curupira*, e o segundo, a lenda do *Boto*, curtas-metragens que fazem parte da série *Juro Que Vi*, projeto que está reunindo desenhos animados sobre personagens do folclore brasileiro, produzidos a partir de histórias recriadas pelas crianças, em conjunto com os profissionais da equipe de Animação.

O primeiro grande desafio da professora Terezinha Amorim foi trabalhar com crianças de diferentes faixas etárias, entre seis e 11 anos, da Educação Infantil à 4ª série. “Nas duas oportunidades foi tudo muito

interessante”, resumiu a professora à revista *Nós da Escola* no início deste ano. Segundo ela, a experiência deu aos alunos a chance de superar a grande dificuldade de conseguirem se expressar. “Todos tinham esse problema, independentemente da idade”, contou. Além disso, eles puderam exercitar o respeito mútuo, sobretudo dos mais velhos para com os pequenos, conta a professora.

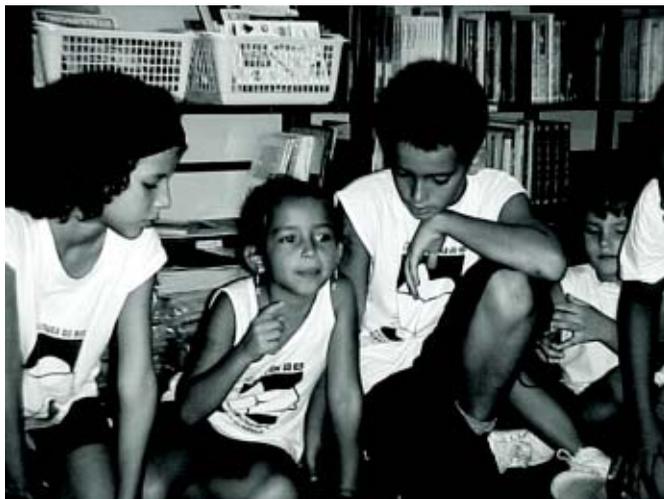
Esse tipo de trabalho não foi nenhum mistério para Terezinha, que já havia criado na sala de leitura o projeto *Tapetes que contam histórias*, em que os alunos interagem com bonecos, personagens de histórias que criam, e têm a oportunidade de transformar “o fantástico em real”. “A sala de leitura é o lugar da escola onde se materializa a fantasia, onde se desenvolvem atividades relacionadas à leitura pelo viés do fantástico”, costumava dizer.

Nas etapas seguintes, em visita à MULTIRIO, os alunos acompanharam a animação do desenho e o processo de produção. A experiência acabou envolvendo toda a escola, que aproveitou a mobilização em torno do folclore para trabalhar outros mitos e lendas com os demais alunos. O interesse das crianças pelo trabalho está expresso no pequeno depoimento dos alunos que participaram da produção de *O Boto*: “Tudo foi interessante porque ajudamos a criar e a ilustrar uma bela história que se tornou um desenho animado para quem quiser ver. Fazíamos desenhos diferentes para encontrar a melhor maneira de construir a história.” ■

Chamada

Andressa Alves dos Santos; Hanna Oliveira Pereira; Larissa Monteiro da Silva; Mayra de Jesus Santos; Rafael Pereira Pinto; Tamires Sergio Rodrigues; Daniella Freitas da Silva; Pablo Torres Viana; Mary Ellen Evangelista da Silva; Tamires Carvalho dos Santos





Parceria que já rendeu frutos

Como criar com crianças um produto voltado para elas próprias? A resposta vem ficando mais clara, à medida que se desenvolve o projeto Juro Que Vi, iniciado há dois anos pela MULTIRIO. O projeto envolve alunos como parceiros na criação de desenhos animados sobre personagens do folclore brasileiro e já rendeu frutos: como os filmes “O Curupira”, “O Boto” e “Iara” (estréia prevista para este mês).

Mediação – “A idéia é aproximar quem produz para crianças do seu público-alvo – as próprias crianças”, resume a pesquisadora Solange Jobim, assessora da presidência da MULTIRIO e responsável pela mediação entre a equipe de Animação e os alunos da E. M. George Sumner, que, junto com a professora Terezinha Amorim, participaram da elaboração de “O Curupira”.

Diálogo – “Criamos uma metodologia de diálogo com as crianças para podermos perceber do que elas sentem falta na mídia. A importância deste projeto é que as crianças puderam ter voz. Elas decidiram conosco, por exemplo, como cada personagem poderia ser”, explica a coordenadora da equipe de Animação da MULTIRIO, Patrícia Alves Dias.

Oficinas – O trabalho começou com oficinas envolvendo a equipe de Animação, que tomou conhecimento do tema, estudou a origem das lendas e buscou compreender seu sentido. “As lendas têm capacidade de se reinventarem nelas próprias. Quem conta, acrescenta um detalhe ou outro, muda um pouco a história. Elas falam de arquétipos, do medo, da beleza, do bem e do mau, da justiça, trabalham essa dimensão dos valores humanos”, explica Solange Jobim. “As lendas abrem a possibilidade de construção da identidade, da cultura, o que é fundamental em Educação”.

História – A etapa seguinte se deu já na escola. Foi apresentado às crianças – com idades entre seis e 11 anos – o tema da animação, para que elas relatassem o que já conheciam sobre ele e também dessem início a um trabalho de pesquisa. Em encontros periódicos, os alunos participaram de exercícios de relaxamento e sensibilização, tomaram conhecimento da lenda que viraria desenho animado, discutiram a história, propuseram novos enredos para ela, opinaram sobre os personagens e, em seguida, partiram para dar-lhes forma com os próprios desenhos.

Diversidade – “Trabalhamos a diversidade em vários aspectos: adultos e crianças, e, entre as crianças, faixas etárias diferentes, sempre buscando a troca com o outro, percebendo que cada um, de seu lugar, tem algo surpreendente a dizer”, relata Solange.

A EQUIPE DA MULTIRIO
REALIZOU VÁRIAS OFICINAS
COM OS ALUNOS QUE
PARTICIPARAM DO PROJETO
JURO QUE VI

Mitos da nossa imaginação

Monstros, princesas, bruxas, fadas, magos, rainhas e heróis fazem parte do universo de imagens de qualquer infância.

Alguns, no entanto, marcam mais e permanecem vivos na memória por toda uma vida. Quem não lembra do herói preferido, da princesa mais bela? Quem nunca teve medo de um monstro ou de uma lenda que aterrorizava nossa imaginação? A Revista Nós da Escola viajou no tempo com seus entrevistados e relembrou os personagens que habitavam a imaginação de cada um deles na infância.

Confira!

"Morria de medo do curupira quando minha avó contava suas histórias. Às vezes ela o chamava de caipora. Mesmo com nomes diferentes, o meu medo era igualzinho."

Franci Borges, secretária executiva, 65 anos



"A pior coisa que aconteceu na minha infância foi a descoberta de que Lampião não era lenda, mas um cangaceiro que existia de verdade e que vivia nas matas do sertão baiano. No dia em que avisaram os meus pais que Lampião e seus homens estavam próximos, saímos de nossa casa e fomos nos esconder na casa do morro, para não sermos encontrados pelo bando dele. Depois deste dia passei a ter pavor de Lampião, mesmo sabendo que hoje em dia ele é valorizado e até mesmo endeusado. Quando eu era criança era comum os adultos, os pais e os irmãos mais velhos meterem medo nas crianças, ameaçarem com o bicho-papão por pura ignorância, por não saberem como educar os filhos."

Valda Borba, 74 anos, dona-de-casa



“A história que mais me marcou foi a história do “João e Maria”. A situação dos pais abandonando os filhos na floresta me deixava indignada. Além disso, morria de medo da bruxa que os prendia.”



Nereida Amorim, 74 anos, professora aposentada



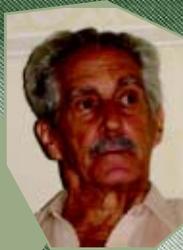
“Lembro muito da história do lobisomem. A gente não saía de noite. Teve até o caso de um homem que levou uma surra e disse para todos que tinha apanhado do lobisomem. A gente ficava apavorada. Morava nas Alagoas e tinha uns oito anos. Andava pela mata bastante assustada.”

Maria de Lourdes Diniz da Silva, merendeira, 65 anos

“Gostava do saci-pererê. Eu tinha pena dele por só ter uma perna. Não sentia medo... tinha uma grande simpatia por ele. Até porque eu o associava ao vento, que sempre me deu uma idéia de liberdade.”



Carmen Henriques Araújo, professora, 63 anos



“Eu lembro de muitas histórias encantadas, de fábulas que meus pais me contavam, mas de lendas... lembro pouco. Lembro do saci-pererê que dava medo em muita gente mas não em mim. Eu sempre achava engraçado a figura imaginada de um ser sem uma perna com cachimbo, correndo pela floresta.”

Fernando Carvalho, 80 anos, economista aposentado

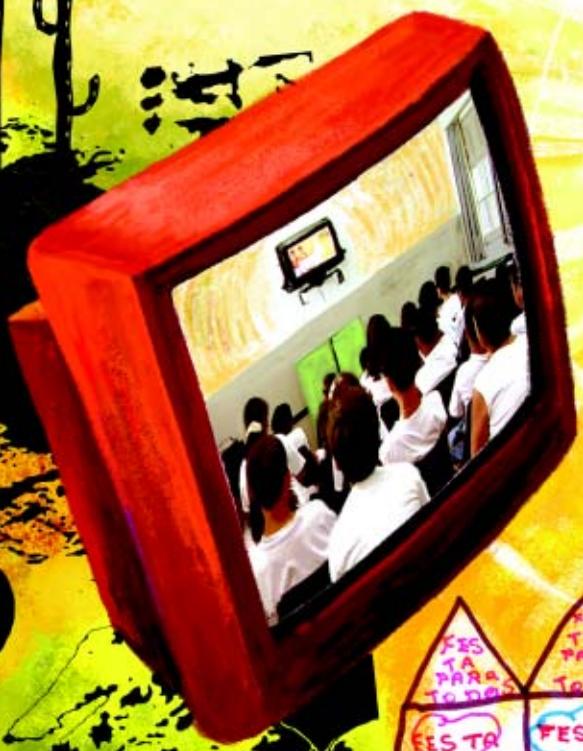


“Quando eu era pequeno, tinha muito medo do saci. A minha mãe me ameaçava, dizendo que se eu fizesse bagunça ele ia me levar para a floresta.”

Waldemar Lima de Miranda, professor, 60 anos



Regionalizar para universalizar





Curupira, boitatá, caipora, boto, cuca, mula-sem-cabeça e Negrinho do Pastoreio. Uma pequena mostra de um vasto repertório de mitos, lendas e histórias do folclore brasileiro. Histórias que há séculos são transmitidas oralmente e são partes das raízes de nossa cultura e tradição, mas que não encontram espaço na mídia televisiva. Essa falta de espaço se refere a uma produção mínima, ainda que eventualmente de boa qualidade, mas sem distribuição nem divulgação nos canais abertos e comerciais. Esse fato constatado sugere algumas reflexões: de que maneira as nossas tradições são representadas na TV? A quem interessa produzir para as crianças valorizando suas culturas regionais? Como isso pode ser feito de forma qualificada e sedutora, para as crianças e para o mercado? É possível que uma programação televisiva variada e qualificada desconheça as tradições culturais do país? Qual seria o lugar e a importância das culturas regionais em um mundo altamente tecnologicado e globalizado?

Atualmente, existe um aparelho de televisão para cada cinco brasileiros, enquanto há uma linha fixa de telefone para cada dez. A televisão é não só a mídia mais poderosa, é também a única fonte de informação e acesso à cultura para milhões de brasileiros. A TV movimenta anualmente no Brasil cerca de R\$ 15 bilhões, ou seja, 1% do PIB.

“A televisão aberta é, em certa medida, a grande forma de propagação da cultura brasileira, mas não de sua representação. Essa é uma confusão que tem sido feita quando se fala, por exemplo, no índice de nacionalização da nossa televisão aberta. Esse índice é de fato muito grande. Mas uma tarde inteira de Faustão e de Gugu, ou uma noite completa de Luciana Gimenez, Leão e João Kleber, que são brasileiros, não são exatamente representativos da pluralidade da nossa cultura”, afirma Nelson Hoineff, jornalista do “Observatório da Imprensa”, que há anos escreve sobre televisão, defendendo a nacionalização e a qualidade da produção.

A TV por assinatura é ainda menos representativa da cultura brasileira e da latino-americana. A maioria dos canais veiculados são

estrangeiros, bem como suas respectivas programações. O único instrumento que existe para o incentivo sistemático à produção de obras brasileiras para televisão provém do artigo 39, da Medida Provisória 2228-1. Este artigo garante às emissoras internacionais de TV por assinatura a prerrogativa de ficarem isentas da taxa de 11% sobre suas receitas (Condecine, Contribuição para o Desenvolvimento da Indústria Cinematográfica) em troca da aplicação de 3% desse total na co-produção de obras nacionais.

O artigo, no entanto, tem sido sistematicamente “driblado” pelas empresas de comunicação. No dia 29 de outubro de 2004, o jornal Folha de São Paulo publicou que foi feita uma concessão da ANCINE – Agência Nacional de Cinema – no valor de 300 mil reais, provenientes desta lei, para que o canal internacional People & Arts produzisse no Brasil um *reality show* sobre decoração.

Conteúdo - Em artigo intitulado “Para que serve o aparelho de TV”, Nelson Hoineff defende uma mudança nos paradigmas televisivos brasileiros. “A televisão não é mais aquilo que outrora podia ser feito de forma imitativa, ao abrigo seguro da criatividade e da coragem de inventar.



O JORNALISTA NELSON HOINEFF DEFENDE DIVERSIDADE NA PRODUÇÃO DE TV

Temos que escolher se queremos lutar por nossa própria cultura e nossa própria dignidade, ou abrir espaço para mais algumas décadas de servilismo econômico e indignidade cultural”.

Em entrevista, no entanto, o jornalista Nelson Hoineff afirma que isto não significa que essa pluralidade seja expressa necessariamente pelo folclore. “Essa é outra confusão pior ainda. A TV aberta reduz a representação cultural do país a um leque muito pequeno e pobre de alternativas. É claro que a teledramaturgia se tornou uma forte expressão cultural brasileira e não se pode perder essa perspectiva. Mas ela se tornou monolítica, em grande parte pela incapacidade das emissoras de televisão de criarem um ambiente competitivo. Outro fator é a falta de sensibilidade das emissoras de operarem com



Preocupação com a memória histórica do país

O programa Sítio do Pica-Pau Amarelo foi o mais bem-sucedido produto infantil da TV baseado em lendas e literatura brasileiras. Inspirado na obra de Monteiro Lobato e veiculado a partir de 1975 pela Rede Globo, a série foi durante muitos anos sucesso de público e crítica. Quem com mais de 30 anos não lembra com carinho das peripécias da boneca Emília, da sabedoria do Visconde de Sabugosa, dos bolinhos de chuva de Tia Anastácia e das histórias encantadas de Dona Benta? O que se via na tela da TV, na época, era uma produção bem cuidada que levava em conta, com riqueza de detalhes, a cultura de nosso país desde a produção dos figurinos, dos cenários até a caracterização dos personagens. Assim, aparecia um Zé Carneiro de botinas, camisa xadrez e chapéu de couro, ou um Tio Barnabé negro, de cabeça grisalha, fumando cachimbo em sua cadeira de balanço no casebre da mata.

“No Sítio, tivemos toda uma preocupação com a memória histórica do país. Quisemos recriar o Brasil dos anos 20, o Brasil de Monteiro Lobato. Para isto, trabalhávamos também com outros autores, como, por exemplo, Mário de Andrade, que tinha uma visão menos conservadora do país. É claro que em um programa voltado para crianças, tivemos que tomar alguns cuidados, como, por exemplo, excluir do roteiro frases racistas proferidas pela boneca Emília em relação a Anastácia”, nos conta Maria Helena Silveira, responsável pela primeira adaptação da série. Ela afirma também que para se trabalhar com folclore e cultura é preciso muito cuidado. “É preciso estudá-los a fundo. O folclore é dinâmico, assim como a linguagem audiovisual. Outro risco é a simplificação e a redução destes mitos e tradições. A lara, por exemplo, muitas vezes é representada como uma sereia de carnaval, completamente afastada do seu contexto simbólico original”.

Maria Helena também não gosta do que se assiste hoje nos programas de televisão. “Vivemos hoje em uma sociedade de espetáculo. Assistimos a valorização de personalidades fictícias, a criação de mitos homogêneos. Valoriza-se na TV algo desprovido de qualquer valor cultural. Mesmo na publicidade somos bombardeados com um padrão imagético desvinculado da nossa realidade. Prova disto é que boa parte dos anúncios publicitários são produzidos no exterior”.

Pesquisa do UNICEF, A voz dos Adolescentes (2002), confirma o fato de que crianças e jovens brasileiros passem, em média, quatro horas por dia vendo televisão, o que equivale a 21 milhões de garotos e de garotas entre 12 e 17 anos que representam 12,3% da população brasileira. Outros dados levantados nessa mesma pesquisa do UNICEF merecem atenção: “51% declaram ter na televisão sua principal forma de entretenimento; a grande maioria, 63, 4%, considera a programação veiculada como sendo de boa qualidade. Dentre os que discordam dessa última afirmação, o maior percentual está na classe A (21%). (ANDI/ UNICEF/ PETROBRÁS/CORTEZ, p.10, 2004)

formas diversificadas de produção, com um número maior de produtoras independentes, por exemplo”.

Maria Helena Silveira, responsável pela primeira adaptação do “Sítio do Pica-Pau Amarelo” para televisão, no ano de 1975, endossa o discurso de Hoineff. “Atualmente assistimos no Brasil a uma TV *economicista*. Compra-se programação estrangeira de baixa qualidade porque é mais barato e mais fácil que produzir. Televisão não pode ser vista apenas como negócio ou entretenimento, mas também como forma de educação e cultura”.

Na contramão da TV que se faz no Brasil, a MULTIRIO lançou em abril a série de animação “Juro que vi... lendas brasileiras”. Ao todo foram produzidos quatro desenhos animados, cada

um deles desenvolvido a partir de um mito brasileiro: curupira, boto, iara e matinta pereira. Temos sempre em vista a educação, pois os filmes são produzidos para crianças, com a participação ativa delas na produção do roteiro e são, ainda, a elas destinados, tomando como cenário privilegiado a escola. Nosso folclore é muito rico em imagens e fantasias que tem muito em comum com o universo infantil. De uma forma geral, as crianças têm pouca informação sobre a sua cultura e sobre suas diferentes manifestações e, da mesma forma, pouco conhecimento sobre como são feitos os desenhos animados e as demais produções que assistem na telinha. Estão acostumadas a assistir aos desenhos japoneses e americanos como se apenas existisse uma estética, uma única forma de representar e de expressar os seus sonhos, os medos e desejos, as brincadeiras e aventuras infantis. Na ver-

As escolas receberão brevemente os exemplares da publicação “Juro que vi...lendas brasileiras”, que conta de forma bem interessante todo o processo de trabalho feito para realizar a série.

artigo

Elaine Deccache Porto e Albuquerque*

O conhecimento invisível produzido na escola

Quem trabalha na escola não poderia negar a intimidade com questões relativas a planejamentos, calendários, currículos, disciplina, objetivos, metodologias, formação em serviço, e mais tantas outras que fazem parte, sem dúvida, da operacionalização de um projeto educacional que se pretende sério e comprometido.

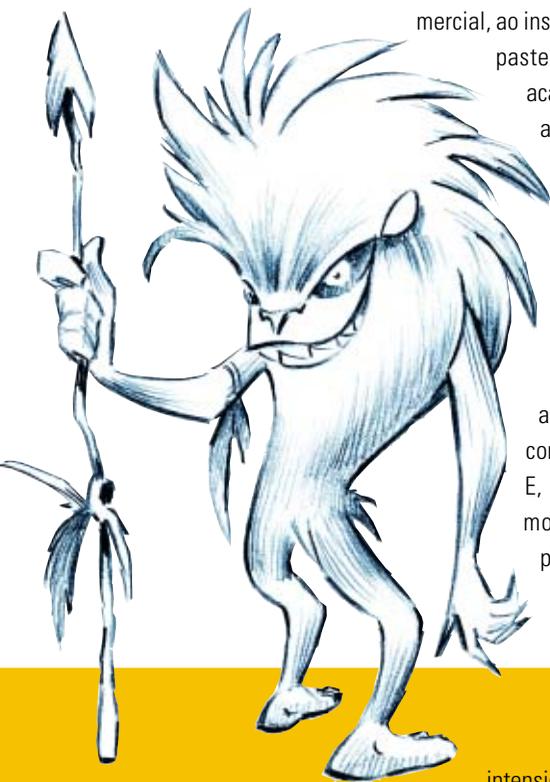
De fato, a construção de competências e o desenvolvimento de habilidades surgem como demandas num mundo que, a nós, se apresenta alterado por muitas e aceleradas mudanças. E a escola, como um lugar que, reconhecidamente, produz e transmite conhecimentos, se vê às voltas com um alto grau de exigências, sobretudo em termos de eficiência, objetividade e qualidade. Sim, quem trabalha na escola tem muita intimidade com todas estas questões... E como são elas inevitáveis, e como nos consomem, e como nos fazem refletir, e como exigem de nós o melhor! Além de tudo isso, ficamos tão tomados pela idéia de uma suposta

terminalidade, que todo o nosso esforço se concentra numa meta que está posta desde o início. Mas, quem sabe não é hora de falarmos de um conhecimento que, ainda que se forme mais invisivelmente, não é menos poderoso? E talvez ele esteja sendo negligenciado em sua potência...

Estamos acostumados à idéia de que as questões ditas objetivas ou técnicas são puras, desvinculadas, sem história. No entanto, enquanto reivindicamos clareza e precisão, esquecemos do que planejamos fazer, bem como a nossa criatividade na busca de soluções acertadas está completamente vinculada às nossas crenças. E como formamos nossas crenças?

É neste ponto que vale a pena tentar dar alguma visibilidade ao conhecimento mais subterrâneo que o espaço da escola produz. Para descrevê-lo é preciso lançar mão de palavras tais como vínculo, continuidade, desvio, constância, afetos, sentimentos,

dade, esse movimento instituído pelas televisões, altamente interessante, sob o ponto de vista comercial, ao insistir em oferecer imagens pasteurizadas pela televisão, acaba por negar às crianças algo que caracteriza a vivência da infância, em cada tempo, lugar e cultura como um fenômeno peculiar e diferenciado. Só por meio do Sítio do Pica-Pau Amarelo (ver boxe), nos últimos 30 anos, puderam entrar em contato com este universo. E, apesar disso, não notamos nenhuma resistência por parte delas, ao contrário, aprovaram e in-



intensidades, pausas, recomeços, relacionamento... O espaço relacional da escola precisa ser reconhecido e valorizado como fonte preciosa e possível de produção dessa forma de conhecimento.

É impressionante o que o contato com pais, crianças, adolescentes e professores nos mostra em termos de multiplicidade, quando vemos como são diferentes suas crenças, suas certezas, suas expectativas, enfim, suas visões de mundo. E aí cabe a pergunta: será que não é hora de incluir na nossa lista de aprendizagens prioritárias, a habilidade de lidar e dar voz a processos mais fluidos, menos controlados e previsíveis? A escola oferece a multiplicidade. Será que não podemos vê-la como alguma coisa a ser cultivada?

Muito falamos na necessidade do tão valorizado espírito crítico. No entanto, nossa compreensão se relaciona com ele como algo que já vem pronto, como algo que se tem ou não. Mas, na verdade, ele é fruto de um processo do qual temos pouca consciência e que supõe experimentação, exercício, convívio... A escola, como um espaço relacional tão rico, pode construir vários conhecimentos que se dão em processos, sobretudo, de convivência, desde que reconheça sua verdadeira força e grandeza.

cluíram a série em sua rotina televisiva. Isso quer dizer que o produto feito com qualidade, o que também vale para os produtos brasileiros, são recebidos com alegria e convidam as crianças, facilmente, a se identificarem com o que vêem ao se verem neles representadas. Pode-se dizer que nossas histórias mexem com as emoções e com a vida das crianças brasileiras mais do que as importadas”, nos conta Humberto Avelar, diretor dos filmes “O Curupira” e “O Boto”.

Fantasia - O fato de as crianças se mostrarem tão interessadas por monstros e também por príncipes e por princesas, por seres imaginários e fantásticos etc. precisa ser bem compreendido pelos adultos, professores e produtores de mídia de modo a lhes garantir uma vivência, um desenvolvimento e aprendi-

Esta estaria, justamente, no compromisso de criar nesse espaço, vínculos de confiança e afeto como condição para a produção e circulação de idéias novas que, verdadeiramente, possam entrar em contato com o nosso modo de vida.

Quem trabalha na escola pode enxergar e definir o que faz de forma objetiva, recorrendo a discursos mais organizados que já fazem parte de nós e do nosso entendimento sobre aquilo que fazemos. Mas o que dizer da experiência acumulada na dinâmica privilegiada e incessante do cotidiano que nos proporciona tantos encontros? Aí, já não seríamos tão rápidos em nossas respostas, pois teríamos que enfrentar a complexidade de uma experiência que sempre oferece a oportunidade de muitas leituras, compreensões, confirmações, desequilíbrios, revisões...

Sem dúvida, esta reflexão nos põe diante de uma tarefa que não é nada simples, mas por que deveríamos nos contentar com menos?

*Orientadora Educacional da Educação Infantil do Colégio Teresiano. Doutoranda em Psicologia da PUC-Rio.



zagem infantis plenos, embebidos de fantasia e de criatividade, sempre que possível, com contexto e temperos regionais. O fato de muitos desses elementos serem comuns à infância e se fazerem presentes em culturas muito diferentes (os heróis e vilões, os medos, as fantasias etc.) não minimiza a importância de eles serem reconhecidos, expressos e apresentados às crianças, na vida

comunitária e também por meio da mídia com toda "a roupagem" própria que caracteriza cada cultura.

Patricia Edgar, presidente da World Summit on Media for Children Foundation, é uma defensora dessa vertente que confere às crianças o direito de terem corpos fortes e saudáveis, mentes educadas e valores sociais praticados para uma vida cidadã. Para ela, o desenvolvimento desse senso de vida social, crucial para o seu bem-estar, depende da compreensão da criança sobre quem ela é, o que só é possível por meio do resgate e da valorização de suas raízes culturais, o que acontece, por exemplo, quando uma criança vê, assiste e/ou escuta suas próprias histórias. Segundo ela, ainda, cada criança precisa reconhecer seus "lugares próprios" como parte de uma família, de uma comunidade, de seu país e cultura para, então, poder encontrar um lugar para si, próprio e único, dentro da comunidade global. "Ao sentir-se parte de certos grupos, a criança se depara e vivencia uma série de valores e de crenças. É imprescindível que ela aprenda, desde muito cedo, como funciona o troca-troca comunicativo que faz parte da vida familiar e comunitária. Isto depende de exemplos que vêm de outros, e embora nada possa substituir o aprendizado direto, a contagem de histórias que compõem o baú de tradições de cada cultura também faz parte deste processo, e é aí onde entramos nós, professores e produtores de mídia.

Sobre a importância da cultura regional, Nelson Hoineff afirma que "num veículo massivo como a televisão aberta, não se pode pensar em qualidade de programação sem que haja uma relação estreita entre a pluralidade da audiência e a pluralidade da informação que é gerada para ela. O *western* construiu a imagem do cinema e da cultura americana para todo o mundo. E no entanto esse ambiente se circunscreve a uma centena de quilômetros quadrados. Quanto mais regionalizamos, mais universalizamos a nossa cultura". ■

JURO que VI

Abaixo você pode conferir as sinopses dos três filmes da série "JURO QUE VI" já lançados pela MULTIRIO. Todas as escolas do município podem solicitar junto a empresa cópias do primeiro episódio, "O Curupira", pelo telefone 2528-8282.

O Curupira

Essa história aconteceu numa noite de lua cheia no coração da floresta. Algumas pessoas dizem que é lenda, superstição do povo da roça. Outras dizem que não, que a história aconteceu: "Era uma vez, um caçador e seu ajudante. O caçador desconhecia os perigos e mistérios da floresta. Ele caçava e matava por esporte. Diz a lenda, que o CURUPIRA, o espírito protetor e guardião da floresta, com seus pés para trás e seus cabelos vermelhos, pune todos aqueles que cometem abusos contra os seres vivos da floresta. E o caçador cometeu".

O Boto

Esta história aconteceu nas margens do rio Amazonas. Um pescador e sua filha viviam num barco de pesca, numa rotina dura para o pai e sem graça para a adolescente. O único amigo que vinha alegrá-la com brincadeiras era o boto cor-de-rosa. O que ela e o pescador não sabiam é que, ao cair da noite, uma divertida e surpreendente revolução estava para acontecer e mudar a rotina para sempre! Como é uma história de amor, não se sabe ao certo o que é verdade e o que é fantasia.

Iara

Esta história aconteceu no coração do Brasil, nas margens de um grande rio. Um rio de riquezas... Desiludido com a ganância e a violência dos garimpeiros, Pedro foge para um recanto de paz e beleza em plena mata virgem. Ao ouvir um canto mágico, ele encontra Iara, a mãe-d'água. Porém, a ganância sem limites do dono do garimpo é uma ameaça da qual ele não poderá fugir. Nesta história de amor, inocência e magia, ninguém pode dizer o que é verdade ou imaginação.

O ônibus que traz tranquilidade



Projeto da Prefeitura do Rio de Janeiro oferece **transporte gratuito a 27 mil alunos** da Zona Oeste

Todo dia a dona-de-casa Maria de Lourdes Nascimento, moradora do bairro de Guaratiba, na Zona Oeste, ficava apreensiva quando seus filhos Leonardo, de 9 anos, e Raiane, de 4, tinham que fazer a pé o percurso de 400 metros que separa a sua casa da Escola Municipal Leôncio Correia (10ª CRE). Quando chovia a preocupação aumentava mais ainda, já que a rua, de terra, ficava quase intransitável. Agora, com o

projeto Ônibus da Liberdade, a situação mudou totalmente. “Estou adorando, tomara que esse programa continue. A Prefeitura pega meus dois filhos na frente de casa e os deixa na porta da escola”, comemora Maria de Lourdes.

Esse é um dos exemplos do benefício trazido pelo projeto Ônibus da Liberdade, que desde 4 de março vem oferecendo transporte gratuito

para alunos das escolas da Rede Municipal localizadas em áreas onde não existe atendimento de transporte público coletivo. Ou ainda em locais onde o transporte de passageiros opera com intervalos que não atendem às necessidades de deslocamento dos estudantes. Para isso, estão em operação 118 veículos, com capacidade para 42 passageiros cada, atendendo a 27 mil alunos da Zona Oeste da cidade, matriculados em escolas da 9ª e 10ª Coordenadorias Regionais de Educação.

“Alguns de nossos alunos demoravam até duas horas para chegar na Leônicio Correia. Chegavam exauridos, cheios de lama em dias de chuva, e não queriam entrar em sala de aula por

MARIA DE LOURDES E SEUS
FILHOS USUFRUEM DO
PROJETO DA PREFEITURA



vergonha”, conta a diretora da escola, Maria de Fátima Faria Andrade. Hoje, a situação mudou radicalmente. “Com a solução desse antigo problema, garantimos a freqüência escolar dessas crianças. Agora, não tem sol, nem chuva que atrapalhe a assiduidade e a pontualidade deles. Nossos alunos chegam descansados e o rendimento, claro, aumenta. O projeto Ônibus da Liberdade é respeito e dignidade para nossas crianças e também para seus pais”, conta a diretora da Leônicio Correia.

Linhas - Ao todo, 71 unidades escolares, 11 creches e duas unidades de extensão estão sendo beneficiadas por esse projeto da Prefeitura. As escolas incluídas no programa foram agrupadas em função de suas localizações, de modo a permitir a criação de cinco rotas específicas para o atendimento (*ver boxe com os itinerários*). As rotas foram subdivididas em linhas, visando otimizar a operação, evitando que os ônibus de uma rota percorressem todo o eixo de operação, o que certamente iria aumentar a extensão total percorrida, os tempos de viagem e, conseqüentemente, as frotas necessárias ao atendimento.

“Com o Ônibus da Liberdade estamos alcançando justamente aquilo que desejávamos: transportar as crianças com todo o conforto que ela necessita para render mais e ter um melhor desempenho em sala de aula”, comemora Lúcia Maria Carvalho de Sá, diretora do Departamento Geral de Administração da Secretaria Municipal de Educação. E a qualidade desse serviço está sendo comprovada também pelos pais ou responsáveis, que podem acompanhar o aluno no trajeto. “É muito importante esse contato porque dá tranquilidade para ambos. A única exigência é que os pais se cadastrem junto à SME e utilizem um crachá de identificação durante todo o percurso”, conta Lúcia. Cerca de 8 mil responsáveis já se cadastraram.

Os serviços do Ônibus da Liberdade estão sendo prestados, sob o regime de fretamento, pe-

las empresas Trans River Transportes Ltda. (rotas 1 e 2), Unifrete Transporte de Turismo e Fretamento Ltda. (rota 3), Taiga Transporte e Turismo Ltda. (rota 4) e Transportes e Turismo Real Brasil (rota 5), vencedoras de licitação na modalidade concorrência. Cada ônibus conta, além do motorista, com a presença de um auxiliar-acompanhante, encarregado de prestar cuidados aos alunos. Estes profissionais receberam informações sobre relações humanas, qualidade no atendimento e noções de primeiros socorros. ■



PARA MARIA DE FÁTIMA,
ALUNOS CHEGAM
DESCANSADOS E MELHORAM
SEU DESEMPENHO

As rotas do Ônibus da Liberdade, suas linhas e as escolas atendidas.

Rota 1 – Campo Grande – Barra de Guaratiba. Linha 1 – Campo Grande x Avenida das Américas; Linha 2 – Barra de Guaratiba x Avenida das Américas; Linha 3 – Gaspar Lemos x Avenida das Américas.
Escolas: Mané Garrincha, Jônatas Serrano, Monteiro Lobato, Professor Castilho, Leôncio Correia, Narcisa Amália, Floripes Angladas Lucas, Professor Vieira Fazenda, Ana Neri e Euclides Roxo.

Rota 2 – Campo Grande – Pedra de Guaratiba. Linha 1 – Vila Comari x Avenida das Américas; Linha 2 – Praça Siderópolis x Avenida das Américas; Linha 3 – Jardim Cinco Marias x Avenida das Américas (via Estrada do Catruz).
Escolas: João Proença, Miguel de Larreinaga, Presidente Artur Bernardes, Raymundo Corrêa, Alfredo de Pires Flores, Clementina de Jesus, Professora Leocádia Torres, Engenheiro Gastão Rangel, Nestor Victor, Deborah Mendes de Moraes, Emma D’Ávila de Camilles, Hildebrando de Araújo Góes, Nova de Siderópolis, Euclides da Cunha, Padre José Maurício, Giuseppe Melchiori e Posseiro Mário Vaz.

Rota 3 – Sepetiba – Pedra de Guaratiba. Linha 1 – Largo do Aarão x Estrada da Pedra; Linha 2 – Estrada de Sepetiba (confluência com a Estrada do Piaí) x Estrada do Piaí (confluência com a Estrada São Tarcísio). **Escolas:** Júlio Cesário de Melo, Nair da Fonseca, Bertha Lutz, Nelson Romero, Felipe Camarão, Ministro Marcos Freire e Deputado Ulysses Guimarães.

Rota 4 – Santa Cruz – Avenida João XXIII e Praça dos Jesuítas. Linha 1 – Praça do Gado x Estrada do Guandu; Linha 2 – Reta do Rio Grande x Praça do Gado; Linha 3 – Estrada São Fernando x Praça do Gado; Linha 4 – Praça dos Jesuítas x Avenida Brasil.
Escolas: Professora Maria Helena Alves Portilho, Zulmira Telles da Costa, Japão, Roberto Coelho, Marinheiro João Cândido, Liberdade, Adalgiza Neri, Sindicalista Chico Mendes, Papa João XXIII, Casa da Criança Guandu, São Fernando, Professora Rosa Maria Alves Oliveira e Ponte dos Jesuítas.

Rota 5 – Campo Grande – Carobinha. Linha 1 – Carobinha x Avenida Brasil; Linha 2 – Campo Grande x Mendanha (via Avenida Paulo Afonso); Linha 3 – Campo Grande x Carobinha (via Avenida Paulo Afonso).
Escolas: Visconde do Rio Branco, Casimiro de Abreu, Baltazar Lisboa, Tóquio, Almirante Frontin, Charles Dickens, Ministro Alcides Carneiro, Cora Coralina, Professor Fábio César Pacífico, Professor Enyr Portilho Avellar e Doutor Ernesto (Che) Guevara.



Para sua atualização

Nova animação da MULTIRIO conta a lenda do boto sob o ponto de vista de crianças



Animação

O Boto

Recém-lançado pela MULTIRIO, o curta de animação "O Boto", faz parte da série "Juro que Vi", que tem como proposta recontar lendas folclóricas brasileiras sob o ponto de vista de crianças.

O desenho se baseia na lenda do boto cor-de-rosa, originária da Amazônia. Trata-se da história de um jovem guerreiro cuja grande beleza causou inveja ao Deus Tupã, que, então, o transformou em boto, condenando-o a viver nos rios amazônicos. O jovem, no entanto, não se confinou em seu castigo e volta sempre à terra em noites de festa, transformado em um bonito e elegante rapaz, para conquistar a primeira jovem formosa que encontra. Um detalhe: ele vem sempre de chapéu para esconder as narinas de boto, que ficam na cabeça.

Estas e muitas outras histórias compõem o folclore e a cultura popular brasileira. São personagens riquíssimos que habitam o imaginário de crianças e adultos. Folclore é a maneira de pensar, agir e sentir de um povo ou grupo com as qualidades ou atributos que lhe são inerentes, seja qual for o tempo, o lugar onde se viva.

A partir da lenda do boto, o professor pode pedir que a turma pesquise sobre outras lendas e mitos. Uma boa idéia é dividir os alunos em grupos e fazer com que cada grupo pesquise uma lenda de um estado diferente. Muitas destas lendas têm caráter regional. No Rio Grande do Sul, o Negrinho do Pastoreio é considerado uma espécie de anjo dos pampas. Conta-se que ele foi agredido injustamente por seu patrão e amarrado sobre um formigueiro, voltando à fazenda intacto no dia seguinte. A lenda do Boto, por exemplo, é mais forte na Região Norte. Qual será a lenda representativa da Região Sudeste? Será que em outras regiões as lendas

O Boto

Um Curta de Animação da Série
JURO que Vi

conservam seus enredos ou modificam-se, transformando heróis em vilões?

Essa pesquisa poderá ser feita em livros, vídeos, pela internet, mas também na própria casa dos alunos, estendendo-se à vizinhança e à comunidade. Os alunos deverão ser orientados a conversar com seus pais, avós e outros familiares para saber de que forma eles aprenderam a lenda. Depois, na escola, exercitariam a oralidade ao contar as diferentes versões para os colegas.

Terminada esta etapa, os alunos deverão se dedicar à produção de textos. Além de transcrever o que escutaram em casa, eles poderiam criar enredos próprios, outras versões, uma vez que certamente veriam que não existe um só enfoque para a mesma narração.

O desenvolvimento de atividades em torno do folclore é uma importante contribuição na formação do espírito de cidadania e de nacionalidade do aluno. Ao mesmo tempo em que é um cidadão do mundo, ele precisa conhecer suas raízes, sua história e de sua comunidade.

Ao trabalhar as lendas e mitos do nosso folclore, a escola prima por manter viva na memória das crianças e dos jovens, manifestações culturais que devem ser sempre estimuladas, divulgadas e recontadas.

o que diz a lenda...

“O boto seduz as moças ribeirinhas aos principais afluentes do rio Amazonas e é o pai de todos os filhos de responsabilidade desconhecida. Nas primeiras horas da noite transforma-se num bonito rapaz, alto, branco, forte, grande dançador e bebedor, e aparece nos bailes, namora, conversa, freqüenta reuniões e comparece fielmente aos encontros femininos. Antes da madrugada pula para água e volta a ser o boto”.

Fonte: Dicionário do Folclore Brasileiro – Luís da Câmara Cascudo

LENDA – “episódio heróico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, “legere”, possui características de fixação geográfica e pequena deformação. Liga-se a um local, como processo etiológico de informação, ou à vida de um herói, sendo parte e não todo biográfico ou temático. Conserva as quatro características de conto popular: antiguidade, persistência, anonimato, oralidade. Os processos de transmissão, circulação, convergência, são os mesmos que presidem a dinâmica da literatura oral. É independente da psicologia coletiva ambiental, acompanhando, numa fórmula de adaptação, seus movimentos ascensionais, estáticos ou modificados. Muito confundido com o mito, dele se distancia pela função e confronto. O mito pode ser um sistema de lendas, gravitando ao redor de um tema central, com área geográfica mais ampla e sem exigências de fixação no tempo e no espaço.”

Dicionário do Folclore Brasileiro – Luís da Câmara Cascudo, Global Editora

Saiba mais

- Antologia do Folclore Brasileiro – vols.1 e 2 – Luís da Câmara Cascudo, Global Editora.
- Geografia dos Mitos Brasileiros. Luís da Câmara Cascudo, Global Editora, 2002.
- Lendas Brasileiras - Luís da Câmara Cascudo. Ediouro, 2000.
- Folclore Nacional 1 - Festas, Bailados, Mitos e Lendas. Alceu Maynard Araujo, Editora Martins Fontes.

Creches reformadas em 2005

Coordenadoria comemora **aumento da rede física** e otimiza autonomia de suas unidades

A 5ª Coordenadoria Regional de Educação abrange os bairros de Madureira, Rocha Miranda, Vaz Lobo, Irajá, Oswaldo Cruz, Vista Alegre, Coelho Neto, Vicente de Carvalho, Vila da Penha, Piedade, Cavalcante, Cascadura, Campinho, Quintino Bocaiúva, Vila Kosmos, Bento Ribeiro, Honório Gurgel, Turiaçu e Marechal Hermes. São 104 escolas, 15 creches públicas, um núcleo de Artes, um clube escolar, três Pólos de Educação pelo Trabalho, cinco Salas de Leitura, dois Pólos de CieMAT e 16 Núcleos de Adolescentes.

“O trabalho das CREs é fundamental na construção da necessária unidade da rede de ensino, respeitadas as peculiaridades e a diversidade tão características de nossa cidade e seu povo. Garantir às unidades escolares autonomia e ao mesmo tempo padrões gerais essenciais de estrutura e desempenho é a tarefa primordial da CRE”, argumenta a coordenadora Leyla Abrantes Marques Rebelo.

Ela destaca a tarefa de levar a escola a situar-se e desenvolver-se como parte de um todo, feita através do contato direto nas rotinas de acompanhamento, orientação e supervisão, na divulgação e utilização do material das diversas mídias, produzidas pela MULTIRIO, e nas capacitações de diretores, professores e funcionários. “Mas, no início, tínhamos dificuldades na fluidez das informações. Um grande investimento foi feito no sentido de corrigir essa lacuna, acelerando-se e garantindo-se o processo circular que toda informação deve ter desde seu recebimento até as respostas necessárias em

forma de ações ou outras informações”, conta a professora.

Deve-se ressaltar ainda os investimentos da 5ª CRE no uso da informática como um eficaz meio de comunicação e a ação direta junto às representatividades das escolas e comunidades do entorno. “E solidifica-se também uma certeza: não há outro caminho a não ser garantir a existência e efetiva participação de todos numa ação compartilhada e solidária”, enfatiza Leyla.

Para o próximo ano, a 5ª CRE espera que o Programa Rio Criança Maravilhosa seja concluído, para que possa receber verbas do Banco Mundial para reformas e ampliação de suas creches. “Essa é a grande meta de realizações na nossa rede física”, conta a coordenadora, que destaca ainda motivos para comemoração: “Este ano quatro escolas foram totalmente reconstruídas, uma nova escola foi erguida e três outras tiveram reforma geral. E, encerrando com chave de ouro, a nova sede da nossa coordenadoria”, conclui a coordenadora. ■

Serviço

5ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora: Leyla
Abrantes Marques Rebelo
Rua Marupira s/nº -
Rocha Miranda – Zona
Norte
Tels.: (21) 2471-9170/
2471-5100/3373-4727/
3361-3067/3373-4729
E-mail:
cre05@pccrj.rj.gov.br



Descompasso com a violência

Excelência do trabalho realizado pela 6ª CRE deu-se por meio do **estudo e das adaptações** à realidade local



A 6ª Coordenadoria Regional de Educação, a menor CRE da cidade do Rio de Janeiro, atende à região que engloba os bairros de Guadalupe, Ricardo de Albuquerque, Anchieta, Mariópolis, Parque Anchieta, Pavuna, Parque Colúmbia, Irajá, Acari, Coelho Neto, Fazenda Botafogo, Costa Barros e Barros Filho. Nesta área, na Zona Norte do município, estão localizadas 77 escolas e 12 creches da prefeitura, além de outras nove creches conveniadas.

O trabalho desenvolvido pelos 184 funcionários da 6ª CRE encontra dificuldades em questões sociais inerentes à sua área de coordenação, já que está inserida numa região com um dos Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixos da cidade: extrema pobreza e índices de violência preocupantes. “Apesar disso, a descentralização realizada na Secretaria de Educação (SME), durante a primeira gestão do prefeito Cesar Maia, fez com que as decisões financeiras, administrativas e pedagógicas fossem tomadas ouvindo, de perto, as unidades escolares, atendendo assim às reais necessidades locais”, acredita a coordenadora Maria de Nazareth Machado de Barros Vasconcellos.

A violência urbana é, segundo a professora Denise Conceição Lorangeira Mendes, o maior entrave ao trabalho desenvolvido pelos funcionários da 6ª CRE. “Esse quadro afeta o

relacionamento familiar dos alunos e acaba repercutindo na rotina escolar. No entanto, tais situações têm estimulado o repensar de ações e criação de novas estratégias, propiciando o crescimento, valorização e participação de todos os segmentos da comunidade escolar, garantindo, deste modo, o sucesso da gestão participativa”, conta.

Êxito – Neste sentido, Maria de Nazareth revela quais são os pontos fundamentais para o bom trabalho realizado pela 6ª CRE. Segundo ela, é importante trabalhar em consonância com as diretrizes emanadas do nível central. “Isso faz com que tenhamos fala e ação coerentes para conquistarmos a credibilidade da comunidade escolar. Sem falar na busca permanentemente da competência técnica, através de atualizações constantes, e o investimento em relações interpessoais, uma grande facilitadora da gestão democrática e participativa”, emenda.

Para o próximo ano, a coordenadora da 6ª CRE espera um crescimento, cada vez mais significativo, profissional e pessoal, das direções e equipes da coordenadoria, escolas e creches. E também o fortalecimento da parceria coordenadoria-unidade escolar-creches. “Para que a totalidade dos alunos, sob nossa responsabilidade, consiga a aprovação com aprendizagem efetiva”, espera Maria de Nazareth. ■

Serviço

6ª Coordenadoria Regional de Educação

Coordenadora: Maria de Nazareth Machado de Barros Vasconcellos
Rua dos Abacates s/nº - Deodoro - Zona Norte
Tels.: (21) 2457-4812/ 2457-5158/2457-4166/ 2457-4682
e-mail: cre06@pcrj.rj.gov.br

Por um projeto interdisciplinar

Saiba mais

FERREIRO, Emila.
Atualidade de Jean Piaget.
 ARTMED, 2001.

Interdisciplinaridade (FERREIRO, 2001) é a relação entre duas ou mais disciplinas de forma que seus conteúdos estejam ligados entre si, o que difere da multidisciplinaridade por não haver ligação entre os conteúdos das áreas. Em um outro plano, quando a interação atinge um estágio onde não se identificam as disciplinas de forma separada alcançamos a transdisciplinaridade. Desta forma, é possível entender que a abordagem interdisciplinar se destaque no âmbito do Ensino Fundamental por identificar nas demais extrema limitação ou complexidade.

Apesar de a literatura especializada referendar a interdisciplinaridade, ainda não é freqüente seu uso, em parte, graças às dificuldades encontradas no planejamento e execução de ações inerentes à condução deste tipo de projeto. Um discurso comum entre os professores é o de que não há tempo suficiente para planejar nem para executar ações em conjunto, pois há uma dificuldade de se encontrarem na instituição de ensino. Contudo, para suplantar parcialmente estas limitações, os projetos, sempre que possível, deverão: (1) ter etapas de execução em separado, ou seja, cada disciplina envolvida deverá ter as ações do projeto no momento destinado para a sua aula. É importante ressaltar que tal procedimento não impossibilita que as aulas estejam coerentemente ligadas entre si; (2) criar meios de comunicação alternativos

como trocar e-mails, deixar bilhetes na pasta do outro professor ou, até mesmo, com alunos; (3) estabelecer, quando possível, uma data para uma ação conjunta através de acordos com outros professores, ou ainda, com a direção da escola.

Entre as vantagens no emprego de projetos de característica interdisciplinar, destaca-se o interesse do aluno pelos conteúdos, o que gera maior motivação no cumprimento das tarefas sugeridas, além de estar associada a uma aprendizagem mais significativa. Também a percepção por parte do aluno da existência de interações entre as disciplinas é um fato vantajoso, bem como a forma pela qual os alunos podem participar do processo, pois eles não devem somente ser um executor do projeto, mas, parte integrante da discussão dos "rumos" que o mesmo deva tomar. Outro aspecto importante é a inclusão da informática em algumas das etapas do projeto, possibilitando além da aquisição de conhecimento específico a identificação de suas aplicações.

Apesar de uma estrutura funcional desvantajosa para desenvolver projetos interdisciplinares, é importante que sejam realizados. Neste contexto, estamos desenvolvendo na Escola Municipal Charles Anderson Weaver um projeto intitulado *Uma bomba chamada coração* que envolve as disciplinas de Ciências, Educação Física e Matemática, tendo-se a perspectiva do envolvimento de outras matérias. ■

Ronaldo Gomes da Silva é professor de ciências da E.M. Charles Anderson Weaver e especialista em ensino de ciências. Aldair José de Oliveira é professor de educação física da E.M. Charles Anderson Weaver e mestre em educação física.

Se você quiser colaborar com esta seção envie-nos seu artigo por e-mail (dpub_multirio@pcrj.rj.gov.br) ou em disquete (Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210). O texto deve ser digitado em fonte Arial 12 e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos à avaliação prévia e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.



anote na agenda

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

No dia 11 de dezembro o Instituto Moreira Salles será o palco do Grupo Sapoti, que apresentará, a crianças a partir de 3 anos, histórias dos livros infantis “Como nasceram as estrelas”, “A vida íntima de Laura” e “O mistério do coelho pensante”, todos de Clarice Lispector. Muita cantoria e oficinas de arte utilizando barbante, dobraduras e colagem darão a tônica da apresentação do Grupo Sapoti, que é formado por monitores especializados em artes plásticas, música e teatro.

Instituto Moreira Salles

Rua Marquês de São Vicente, 476 - Gávea. A atividade começa às 17 horas. Mais informações pelo telefone 3284-7400

UMA TARDE BRASILEIRA

Uma tarde dedicada à cultura popular brasileira. É o que promete oferecer o Centro Cultural Laurinda Santos Lobo no dia 11 de dezembro. Festival de culinária típica, teatro, dança e música darão a tônica desta tarde que terá como protagonistas artistas formados nas oficinas oferecidas pelo próprio Centro Cultural. A abertura do festival será às 13 horas e as atividades só serão encerradas às 21 horas, quando termina o show de samba do grupo Badalo.

Centro Cultural Laurinda Santos Lobo

Rua Monte Alegre, 306 - Santa Teresa. Mais informações 2242-9741

8 EGRÉGORAS

Egrégoras, palavra que significa aura do trabalho coletivo, foi o nome escolhido pelas artistas plásticas Ana Rutter, Anete Fernandes, Eda Miranda, Graziella Andreani, Katia Jacobson, Maria Cherman, Rosita Rocha e Vera Bueno para exposição com abordagem explicitamente feminina. No Conjunto Cultural da Caixa, de segunda a sexta, das 10h às 18h, e sábado e domingo, das 11h às 15h. Visitaçã escolar com agendamento prévio.

Conjunto Cultural da Caixa

Avenida Chile, 230 - Centro. Mais informações: 2262-5483

MULTIPROJETOS

Multiprojetos é uma parceria do Centro Cultural Calouste Gulbenkian com a Prefeitura do Rio, para oferecer aos alunos do município durante todo o ano oficinas de artes plásticas, teatro e dança. A partir de 6 de dezembro os alunos das oficinas estarão apresentando o resultado dos seus estudos. Confira a programação:

14 de dezembro – 19h – Centro de Dança (teatro)

15 e 17 de dezembro – 19h – Que fato é Esse (teatro)

Centro Cultrual Calouste Gulbenkian

Rua Benedito Hipólito, 125 – Praça Onze
Tel.: (21) 2221-7760

PREVENÇÃO COM BOM HUMOR

O Ministério da Saúde, apostando no humor para estimular um debate sobre a comunicação e a educação em saúde, está promovendo o **I Festival Internacional de Humor em DST e Aids**, com uma exposição no Centro Cultural da Saúde.

A mostra, que começa dia 30 de novembro de 2004 e vai até abril de 2005, reunirá 300 cartuns vindos de 50 países e é mais uma ação do Programa Nacional de DST e Aids, que acontece há mais de 20 anos. O Centro Cultural fica aberto de terça a sábado, das 10h às 17h.

Centro Cultural da Saúde

Praça Marechal Âncora s/nº, Centro

ESPAÇO DE DIFUSÃO DA NOSSA HISTÓRIA

O Memorial Getúlio Vargas, inaugurado pela Prefeitura em agosto, dispõe de uma exposição permanente sobre a vivência do ex-presidente na nossa cidade. A idéia é que o local sirva de instrumento educacional para os estudantes e ainda de centro de informações para o público em geral sobre uma importante fase da história do País.

O memorial fica na Praça Luís de Camões, ao lado do Hotel Glória, e funciona de terça a domingo, das 10 às 19h.

Informações: 2557-9444

Lendas e Mitos do Brasil

Theobaldo Miranda Santos
 Editora Nacional (2004)

Este livro reúne 55 histórias que fazem parte da tradição popular das diferentes regiões do nosso país. O autor apresenta lendas repletas de encanto e fantasia. São contos em que humanos vivem embaixo d'água ou se transformam em serpentes, pássaros e boto. Este livro nos permite mergulhar no universo fantástico que permeia o imaginário do povo brasileiro.

Mati e Rita – a Orca e a Caiçara

Bia Hetzel
 Editora Manati (2003)

Uma menina caiçara aproxima-se das “matis” (baleias orcas) da Baía da Ilha Grande e torna-se sua amiga. Além de informar sobre ecologia, a história trata do iminente desaparecimento de uma cultura tradicional brasileira que, ao longo dos séculos, aprendeu a viver em harmonia com a natureza.

Lendas Brasileiras

Luís da Câmara Cascudo
 Editora Ediouro (2000)

Câmara Cascudo, nosso maior folclorista, oferece vinte e uma das mais belas lendas criadas pela imaginação de nossa gente e distribuídas pelas diversas regiões do país.



Mentiras... e Mentiras

Tatiana Belinky
 Editora Campanhia das Letrinhas
 (2004)

Neste livro, a autora traz crônicas que contêm vários tipos de “mentira”. Entre os grandes mentirosos citados no livro estão personagens clássicos da literatura, como Pinóquio, o Gato de Botas, o barão de Münchhausen e a boneca Emília do Sítio do Pica-Pau Amarelo - e também a própria autora, que confessa algumas das mentiras que contou (ou ouviu) ao longo de seus 85 anos de vida.

Filmes



A Marvada Carne

(Brasil, 1985)

Direção de André Klotzel,
 com Fernanda Torres, Adilson Barros, Regina Casé e Dionísio Azevedo. Nhô Quim perambula com seu cachorro

pelo interior paulista, sonhando com duas coisas: encontrar uma noiva e comer carne de vaca. Ele conhece a jovem Carula numa aldeia que reza todos os dias para Santo Antônio, pedidindo que lhe arranje um marido. Para fisgar Quim, ela o engana dizendo que seu pai, Nhô Totó, possui um boi que será “carneado” no dia do casamento. Mas, antes de casar, Quim deve cumprir uma série de provas. Adaptação da peça teatral de Carlos Alberto Sofredini.



Macunaíma,

(Brasil, 1969)

As aventuras de Macunaíma, suas andanças por um Brasil em transformação. Um compêndio dos mitos, lendas e da alma do brasileiro, a partir do clássico romance de Mario de Andrade.

Em breve na sua escola.

JURO que Vi

JURO QUE VI... LENDAS BRASILEIRAS
adultos e crianças na criação de desenhos animados

I SWEAR I SAW IT ... BRAZILIAN MYTHS
adults and children involved in the creation of animated cartoons

PREFEITURA DO RIO



Jogos
Pan-americanos
Uma conquista
da **PREFEITURA**.
Uma vitória
do **RIO**.

RIO



PREFEITURA

EDUCAÇÃO

MULTIRIO

